

Cara Delevingne  
Rowan Coleman

# Mirror, Mirror

Tradução  
Nuno Bombarda de Sá

 Planeta

Para a minha família e amigos, que tanto me ajudaram ao longo da minha adolescência.

E para quem se sinta perdido. Oxalá este livro vos inspire a seguir os vossos sonhos e a nunca desistir, já que tudo é possível.



## *Introdução*

Crescer e fazer a transição da infância para a idade adulta é uma das épocas mais interessantes das nossas vidas: o caos, a loucura, as hormonas, as mudanças, os extremos constantes; uma época crucial cheia de dramas e emoções que nos vão transformando nos adultos que estamos destinados a ser.

A maioria das pessoas refere-se aos anos da adolescência como os melhores da sua vida e é verdade que se trata de um tempo despreocupado, cheio de aventuras e alegrias, mas também de grandes desafios e dificuldades, em especial se formos pessoas que não nos adaptamos com facilidade.

Com os meios de comunicação social a desempenharem um papel tão importante nas nossas vidas diárias, é mais difícil do que nunca ser-se jovem, em especial devido à pressão que sofremos para que sejamos perfeitos. Vivemos num mundo onde as pessoas se julgam sem antes tentarem compreender-se ou pensarem no que lhes pode estar a acontecer.

Quando decidi escrever *Mirror, Mirror*, quis contar uma história que desse ao leitor uma imagem realista dos turbulentos anos da adolescência e criar personagens com as quais toda a gente se possa identificar; quis que fosse um livro sobre o poder da amizade e a força que podemos ter se nos rodearmos de pessoas dignas da nossa confiança e do nosso amor.

Acima de tudo quero dizer aos meus leitores que não faz mal ainda não sabermos quem somos, que não faz mal sermos diferentes e únicos

Cara Delevingne

só porque já somos perfeitos. Desde que saibamos o que nos faz feliz e se seguirmos as tendências do nosso coração, tudo correrá bem. O que interessa é que sejamos nós mesmos, aconteça o que acontecer. O que interessa é que reconheçamos as nossas forças e nos apercebamos de que temos o poder de mudar o mundo.

Com amor,  
Cara

## *Agradecimentos*

Houve muitas pessoas envolvidas na feitura de *Mirror, Mirror* e os meus mais profundos agradecimentos vão para o espantoso Rowan Coleman, que fez da escrita deste livro uma experiência incrível. Na Orion os meus agradecimentos especiais vão para Anna Valentine, Sam Eades, Marleigh Price, Lynsey Sutherland, Elaine Egan, Lauren Woosey, Loulou Clarke, Lucie Stericker e Claire Keep. Na Harper Collins US obrigada a Lisa Sharkey, Jonathan Burnham, Mary Gaule, Alieza Schivmer, Anna Montague, Doug Jones e Amanda Pelletier. Obrigada à minha equipa da WME: Sharon Jackson, Joe Izzi, Matilda Forbes Watson, Mel Berger e Laura Bonner. Obrigada ao meu bom amigo Storm Athill pela maravilhosa obra de arte da capa.



## *Oito semanas antes...*

O Sol nascia. Seguíamos para casa de braço dado, arrastando os pés. A temperatura começava a aquecer. Rose descansava-me a cabeça no ombro e passava-me o braço pela cintura. Lembro-me da sensação, da anca dela a bater na minha, da pele dela na minha, quente e suave.

A luz dourada e intensa das primeiras horas do dia fazia com que as ruas sujas parecessem novas. Não era a primeira vez que víamos o nascer do Sol ao ir para casa após longas noites na rua, fazendo com que cada momento juntos durasse até fecharmos os olhos. Até àquela noite a vida parecera-nos dourada, como se nos pertencesse e nós a ela, enchendo cada segundo com algo novo, algo que nos fazia sentir que valia a pena.

Aquela noite, porém, foi diferente.

Os olhos doíam-me, tinha a boca seca e o meu coração parecia um tambor. Não queríamos ir para casa, mas para onde havíamos de ir? Não havia mais lado nenhum para onde ir.

– Porquê agora? – perguntou Rose. – Estava tudo tão bem. Ela estava bem, feliz. Porquê agora, caramba?

– Não é a primeira vez, pois não? – retorquiu Leo. – Por isso os porcos se estão nas tintas. Não foi a primeira vez. Dinheiro, mochila cheia de comida tirada do frigorífico, a guitarra, desaparecer durante um par de semanas. Ela é assim.

– Mas não desde o *Mirror, Mirror* – replicou Rose. – Não antes de nós. Antes ela andava sempre metida na merda, sempre a fugir. Mas desde a banda não. Ela estava... nós estávamos bem. Melhor do que bem.



Rose olhou para mim em busca de apoio e eu tive de concordar porque entre nós mudara tudo naquele ano. Antes da banda andávamos todos perdidos, até que nos juntáramos. E juntos éramos fortes, bestiais, fantásticos. E pensávamos que Naomi também fazia parte da cena, que já não precisava de continuar a fugir. Até àquela noite.



Naquela noite estivemos fora a noite toda, por toda a cidade, fomos a todos os sítios onde tínhamos estado com ela, os que os nossos pais conheciam e os que não conheciam, os bares em que não devíamos entrar por sermos demasiado novos, quentes e a cheirar a suor e a hormonas, ziguezagueando por entre as massas de dançarinos, tentando avistá-la.

Andámos por vielas sombrias, pelas traseiras dos bares onde podíamos entrar, falando em voz baixa com miúdos nervosos de olhar sombrio que ofereciam sacos de maconha. Naquela noite dissemos não.

Visitámos sítios cujas portas não tinham nada escrito, onde era preciso conhecer alguém para se poder entrar. Caves sombrias onde as pessoas fumavam até o ar se tornar quase palpável e onde a música, de tão alta, nos ensurdecia, nos fazia vibrar o peito e onde o chão saltava ao ritmo da batida.

Fomos a todos eles e a muitos mais: ao parque da propriedade onde vamos curtir; à margem do rio, estranha para nós, cheia de blocos de apartamentos milionários; à Vauxhall Bridge, a nossa ponte, a que atravessamos tantas vezes aos gritos para nos ouvirmos por cima do barulho do trânsito.

Por fim fomos à loja de apostas vazia com a porta arrombada e um colchão nas traseiras, onde alguns miúdos vão quando querem um sítio para estar sozinhos. Alguns miúdos, mas nunca eu porque uma das coisas que odeio mesmo é estar sozinho.

A noite foi passando, hora a hora, e nós sempre na esperança de a encontrarmos, convencidos de que ela devia estar a fazer uma das maluquices do costume, como sempre que se queria fazer notar por estar magoada com qualquer coisa. Nós tínhamos a certeza de que Naomi, a nossa melhor amiga e companheira de banda, estava num sítio qualquer

que só nós conhecíamos, que estava à espera que a descobríssemos porque não podemos existir num dia e desaparecer no seguinte. Não faz sentido. Ninguém se desintegra no ar sem deixar rasto.

Era o que dizíamos uns aos outros enquanto a procurávamos naquela noite e nas noites que se seguiram, até os nossos pais nos dizerem que tínhamos de parar, que ela voltaria para casa quando se sentisse pronta. E então a polícia deixou de a procurar por ela ter fugido tantas vezes.

Mas nós não, já que ela já não era a mesma. Mas eles, com aquelas expressões chateadas e os respectivos blocos-notas em branco, nem nos ouviam. Cambada.

Por isso continuámos à procura de Naomi por tudo quanto era sítio, muito depois de toda a gente ter desistido.

Mas ela não estava em lado nenhum e nós só podíamos procurá-la nos sítios onde ela costumava ir.